

As paisagens pelotenses emaranhadas nas vivências de trabalhadoras sexuais sob o olhar da Arqueologia

Vanessa Avila Costa¹; Louise Prado Alfonso²

¹Universidade Federal de Pelotas – vanessaavilacosta@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte da minha pesquisa no mestrado em Antropologia com Área de Concentração em Arqueologia na UFPEL, intitulada “As Manifestações das Paisagens Ocultadas: Arqueologia da Pelotas de Trabalhadoras Sexuais”. Esta insere-se no âmbito do projeto Mapeando a Noite, que compõe um dos projetos de extensão do projeto de pesquisa Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas, do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) da UFPEL, e também se insere na esfera do Liber Studium – Laboratório de Arqueologia do Capitalismo da FURG, onde atuo enquanto pesquisadora associada. Através desta pesquisa estou construindo narrativas sobre as trabalhadoras sexuais que vivenciaram a Pelotas do começo do século XX, procurando entender como resistiram e, ainda resistem, aos processos de exclusão (às políticas de controle e disciplinarização de seus corpos) no cotidiano da cidade, responsáveis por naturalizar as opressões de gênero, classe e raça sofridas por elas. Tentarei desvelar, por meio de uma Arqueologia da Paisagem (THIESEN, 1999, 2009; SOUSA, 2005; TRAMASOLI, 2015), os mecanismos do poder que atuaram e atuam em sua invisibilização e que construíram, na cidade, o estigma responsável por torná-las sujeitas clandestinas. Através deste estudo, realizo intervenções públicas críticas enfocadas pelas paisagens (GONZÁLEZ-RUIBAL, et al., 2017) que foram transcriadas (FLORES, et al., 2017 apud BAUDELAIRE, 2019). Estas ações visam estimular o diálogo com a população pelotense e a reflexão sobre a desvalorização do trabalho feminino forjada no passado, além de escancarar a política que construiu o estigma da puta, responsável por garantir a subalternização de trabalhadoras sexuais.

2. METODOLOGIA

Para desenvolver esta pesquisa está sendo realizado um mapeamento dos antigos prostíbulos de Pelotas a partir do jornal O Rebate, que correspondem aos anos de 1914 à 1917, disponíveis para pesquisa na Bibliotheca Pública Pelotense. Nestes, aparecem notícias que denunciavam a prostituição na cidade. O mapeamento também está sendo feito a partir das narrativas de pessoas que se lembram onde estes locais de encontro ficavam localizados. Este parte-se da consideração de que a observação indireta é uma forma de ter acesso à paisagem onde os prostíbulos ficavam localizados, já que eles não foram preservados (BRUNEAU; BALUT, 1997, p. 46-47 apud THIESEN, 2009). Também estou realizando o mapeamento dos prostíbulos contemporâneos a partir dos jornais atuais, sites da internet e redes sociais, atentando para os processos de higienização social na cidade e as resistências cotidianas das trabalhadoras sexuais. Para representar estes mapeamentos foram criadas metodologias de cartografia envolvidas com a arte que privilegiam as dinâmicas ativas das paisagens emaranhadas nas vivências de trabalhadoras sexuais no passado-

presente. Dois desenhos e uma pintura sobre os antigos prostíbulos e as trabalhadoras sexuais do século XX também foram feitos pela estudante do Bacharelado em Arqueologia, Violet Baudelaire. Através destes estudos e dos desenhos, foram realizadas intervenções públicas em Pelotas, pautadas nas ideias de González-Ruibal, et al (2017), como uma exposição no Museu Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense, uma performance realizada por Violet Baudelaire na Praça Coronel Pedro Osório e uma exposição com seus desenhos no Largo do Mercado Público.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Duas cartografias foram desenvolvidas para pensar as paisagens às quais as trabalhadoras sexuais habitam e transformam cotidianamente. Paisagens estas que, enquanto agentes, estão em constante construção e desconstrução. Ambas foram criadas a partir das reflexões geradas pela disciplina de tópicos especiais em Antropologia e Arqueologia, intitulada “Cidades e suas Margens: trajetos, percursos e mapas”, ministrada pela professora Louise Prado Alfonso. A proposta foi elaborar cartografias que rejeitam a concepção linear de tempo, a inércia dos mapas e a paisagem como um mero cenário que elimina as vivências dos grupos sociais que a fazem, buscando trazer de volta a arte aos mapas, segundo as críticas aos mapas modernos de Tim Ingold (2005). Ao serem pensadas a partir dos pressupostos da Arqueologia da Paisagem, tendo como foco o trabalho sexual em Pelotas, foram idealizadas como cartografias evocativas. Feitas para evocar uma pluralidade de tempos emaranhados na vida vivida de trabalhadoras sexuais e paisagens.

A primeira experiência trata-se de um vídeo desenvolvido na disciplina de Vídeo Etnográfico, ministrada pela professora Claudia Turra Magni. Propus a criação de um vídeo arqueológico com a Mestra Griô Sirley Amaro, que nasceu em 1936 na rua Major Cícero. Neste vídeo, enquanto caminha pela rua Major Cícero e Doutor Cassiano, entre as ruas Quinze de Novembro e Andrade Neves, ela conta as histórias que se recorda sobre o trabalho sexual e as mulheres que o executavam nestas ruas. Ele foi intitulado “Evocando Paisagens: Uma Cartografia de Memórias da Griô” e está disponível no YouTube.

A segunda experiência foi a construção de uma cartografia em desenho. Durante a criação da cartografia, eu, juntamente com colegas, pensamos sobre as formas de resistir das trabalhadoras sexuais no cotidiano de Pelotas, não só no passado, mas também no presente, pensando em um projeto para o futuro, frente aos processos de higienização ocorridos na cidade e ao apagamento de suas memórias, em uma cidade que, conforme Louise Alfonso e Flávia Rieth (2016), privilegia os casarões da elite charqueadora e que conta, a partir deles, apenas a história de homens brancos da elite, assumidamente heterossexuais e cisgêneros. Para demonstrar as resistências cotidianas das trabalhadoras sexuais, colocamos um recorte da Fonte das Nereidas, situada na Praça Coronel Pedro Osório (patrimônio institucionalizado da cidade) no centro da cartografia. O chafariz foi trazido da França e instalado no século XIX na praça mais central da cidade, pensada para o lazer das elites, e pressupôs uma tentativa de exclusão das trabalhadoras sexuais, que ainda se manifesta no presente. Ainda assim, elas estavam presentes na praça do passado e a construíram, da mesma forma que vivenciam e fazem a paisagem contemporânea. De acordo com uma interlocutora do projeto “Mapeando a Noite”, é na Fonte das Nereidas, à noite, que ocorre um ritual: o batismo das travestis, com seu “nome de guerra”. Ao redor do Chafariz,

fizemos um desenho da rua Major Cícero (antigo ponto de prostituição) acerca das memórias da Mestra Griô Sirley Amaro. Ao outro lado, desenhemos as paisagens do presente: a Wiskeria, o Bangalô e o Bar das Coleguinhas, as travestis na esquina, os movimentos dos carros indo em direção aos pontos de prostituição, como observamos em nossas saídas de campo (sem mostrar a sua localização). Abaixo, nos perguntamos: e o futuro? Desenhemos então uma carteira de trabalho, já que uma das pautas das trabalhadoras sexuais é a regulamentação do trabalho sexual no Brasil. Para mostrar que o passado, o presente e o futuro estão interligados a partir do chafariz, desenhemos traçados que se ligam à ele, conectando os tempos, que representam as trajetórias das trabalhadoras sexuais.

Contando com o trabalho de pesquisa de campo realizado na Bibliotheca Pública Pelotense por estudantes do Bacharelado em Arqueologia da FURG, que fizeram seu estágio de campo obrigatório na esfera do meu projeto de mestrado no Liber Studium – Laboratório de Arqueologia do Capitalismo, está sendo possível mapear os antigos prostíbulos de Pelotas a partir do jornal O Rebate, que correspondem aos anos de 1914 à 1917. Nestes, aparecem notícias que denunciavam a prostituição na cidade. Também estou mapeando, com o auxílio de estagiários e estagiárias, os prostíbulos a partir das narrativas de pessoas que conversamos. Pessoas que moram há bastante tempo em Pelotas e que lembram-se de onde estes locais de encontro ficavam localizados. Na maior parte destas transcrições, realizadas pelos estagiários Newan Souza e Nicolás Martins, aparecem notícias acerca da rua Tiradentes, entre as ruas Anchieta e Quinze de Novembro, nas proximidades do Mercado Público, trecho que era retratado nos jornais como “Bairro Sujo” por conta da presença marcante de prostíbulos e de trabalhadoras sexuais. A partir de cada uma destas transcrições, a estagiária Violet Baudelaire realizou pinturas, imaginando, com o auxílio de outras fontes, como eram as paisagens desta rua em que os antigos prostíbulos se localizavam. Cabe ressaltar que com a revitalização do Mercado Público, ocorrida nos anos 2000, trabalhadoras sexuais passaram por processos de remoções da rua Tiradentes. O banheiro do mercado, local de trabalho de muitas trabalhadoras sexuais, foi fechado. Nesse sentido, meu intuito é compreender os processos de exclusão de trabalhadoras sexuais a partir de políticas higienistas, que causaram suas remoções para outros pontos da cidade, bem como sua resiliência frente a estes processos, voltando para o local que outrora se configurava enquanto uma área onde ocorria o trabalho sexual. Isto pode ser entendido através da narrativa de um dos barbeiros do Mercado, que nos disse: “De manhã estão aqui, as netas das putas” (referindo-se as netas das trabalhadoras sexuais do passado que trabalhavam na rua Tiradentes).

Além disso, intervenções públicas foram realizadas. Estas se deram a partir de uma performance realizada na Praça Coronel Pedro Osório, uma exposição do projeto de pesquisa Margens no Museu Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense e uma exposição de desenhos no Largo do Mercado Público, que tiveram como objetivo criar diálogos com a população pelotense sobre os trabalhos femininos que são invisibilizados em Pelotas e a estigmatização de trabalhadoras sexuais e das paisagens onde elas executam o trabalho sexual, o que reflete o machismo vigente em nossa sociedade.

4. CONCLUSÕES

Considero que, na situação sócio-política atual, é fundamental evocar passados. E a arqueologia, por agir como um antídoto no combate à amnésia

social (LIMA, et al, 2016), tem este poder: o poder de fazer com que as pessoas lembrem que, se as mulheres ainda hoje estão exercendo trabalhos precários como a prostituição para garantir o seu sustento e de sua família, é porque no passado (como estratégia do sistema capitalista e também, no contexto brasileiro em que estamos inseridas, do colonialismo), a pobreza foi feminizada (FEDERICI, 2017); as mulheres tiveram seu trabalho invisibilizado e este passou a ser visto como não trabalho. Além disso, outras histórias, que não as dos homens brancos da elite do charque, precisam ser contadas. Histórias de mulheres que, desde sempre, constroem Pelotas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFONSO, Louise; RIETH, Flávia. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto Bem Cultural. In: **Patrimônios plurais: iniciativas e desafios**. SCHIAVON, Carmem; PELEGRINI, Sandra (org.). Editora da FURG, Rio Grande – RS, 2016.

BAUDELAIRE, Violet. **Relatório de Estágio de Campo** – Pintando o que é invisível... (Bacharelado em Arqueologia – FURG), Rio Grande, RS, 2019.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução Sycorax. Editora Elefante. 1ª Ed. São Paulo, 2017.

GONZÁLEZ-RUIBAL, et al. Against Reactionary Populism: Towards a New Public Archaeology. **Antiquity**, (version submitted to Antiquity, prior to editorial review), 2017.

INGOLD, Tim. Jornada ao longo de um caminho de vida – mapas, descobridor caminho e navegação. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 25(1): 76-110, 2005.

LIMA, Tania; et al. Em busca do Cais do Valongo, Rio de Janeiro, século XIX. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**. V. 24, N. 1, São Paulo, 2016.

SOUSA, Ana Cristina. Arqueologia da paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais. **Habitus**, Goiânia, V. 3, N. 2, 2005, p. 291-300.

TRAMASOLI, Felipe. **Arqueologia da Cidade Cinza: paisagem e discurso na cidade do Rio Grande**. 2015. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Rio de Janeiro, Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

THIESEN, Beatriz. **As paisagens da cidade: Arqueologia da área central da Porto Alegre do século XIX**. Dissertação (Mestrado em História) – PUCRS, Rio Grande do Sul, 1999.

THIESEN, Beatriz. Invisibilidade, memória e poder: a identidade imigrante e a construção da paisagem da cidade – Rio Grande (RS). Universidade de Caxias do Sul. **Revista MétiS: História & Cultura**. V. 8, N. 16., 2009.